

# A CONCEPÇÃO DE HOMEM EM TRAGTENBERG: COMPREENSÃO NECESSÁRIA PARA PROBLEMATIZAR A FELICIDADE NO TRABALHO<sup>1</sup>

Wagner Rafael Rodrigues<sup>2</sup>  
Rossana Cristini Floriano Jost<sup>3</sup>

## RESUMO

Considerando que o ser humano é um ser complexo e sua natureza indeterminável, esta pesquisa aborda-o como ser social. O problema está em determinar como a relação ontológica marxiana se apresenta nas elaborações de Mauricio Tragtenberg. O objetivo é analisar o modo como Mauricio Tragtenberg se apropria da concepção ontológica marxiana para elaborar as críticas às formas de gestão que embotam o trabalhador no sociometabolismo do capital. A pesquisa trabalha primeiramente com as propostas de Marx em torno do homem nos **Manuscritos econômicos filosóficos**. Nesse texto, Marx demonstra quanto o homem está alienado pelo trabalho, em vez de ser protagonista de sua vida, é escravo do trabalho. Num segundo momento da pesquisa, enfocam-se as reflexões de Tragtenberg em sua obra **Burocracia e ideologia**, na qual ele trata das diversas formas de gestão e quanto elas alienaram o ser humano. Nesse sentido, conclui-se que tanto Marx quanto Tragtenberg postulam o ser humano como ser alienado, mas, por viverem em contextos diferentes, suas concepções divergem. Marx aponta que é com o fim da sociedade de classes que o homem resgatará dignidade, enquanto Tragtenberg visa o ser humano como ser livre e, mesmo injustiçado pelo trabalho, não perde sua dignidade, mas o autor acredita que é preciso engajar-se num compromisso social que objetive condições justas de trabalho para a realização integral e plena do humano.

**Palavras-chave:** Homem. Trabalho. Alienação. Capital. Administração.

<sup>1</sup> Este texto faz parte do projeto **Formas de gestão e a felicidade: um estudo sobre a concepção dos trabalhadores de empreendimentos autogestionários e dos gestores de empresa de grande porte**, coordenado pela profa. Deise Luiza da Silva Ferraz, que foi coorientadora nessa pesquisa. Profa. Deise é ex-professora PMOD-FAE e atualmente é docente vinculada ao departamento de Ciências Administrativas na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Aluno do 2º ano de Filosofia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2012-2013). *E-mail:* wrr\_filosconv@yahoo.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em Administração de Empresas (Universidade Positivo/PR). Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* rossana.jost@fae.edu.

## INTRODUÇÃO

No decorrer da história da humanidade, desde os tempos das cavernas até nossos dias atuais, sempre permaneceu uma pergunta que nos provoca: o que é o homem? O homem é um ser de várias dimensões, e quanto mais faz história, mais demonstra sua complexidade. Existem inúmeras correntes e uma vastidão de produção intelectual sobre o ser humano. No entanto, nossa pesquisa aborda o homem como ser social, ou seja, inserido em determinada época, cultura e classe social.

Com isso, um autor que servirá de referência desse nosso estudo é Karl Marx, pois ele foi capaz de enxergar, numa sociedade estruturada pela exploração do outro, contradições distintas das formas de gestão. Nossa análise em Marx será por meio da obra “Manuscritos econômicos filosóficos”. Outro autor referência é Mauricio Tragtenberg, que muito contribuiu para a reflexão sobre as formas de gestão do capitalismo; analisaremos tais reflexões na obra “Burocracia e ideologia”. Há um terceiro autor, István Mészáros, que também é fundamental em nosso estudo, pois fez uma contribuição muito rica ao problema da alienação numa releitura de Marx no século XX, na obra “A teoria da alienação em Marx”.

O problema que fundamenta nossa pesquisa é compreender como a concepção ontológica marxiana se apresenta nas elaborações de Mauricio Tragtenberg e, conseqüentemente, nas críticas que o autor faz às formas de gestão que embotam o trabalhador. Nosso objetivo é analisar o modo como Mauricio Tragtenberg se apropria da concepção ontológica marxiana para elaborar as críticas às formas de gestão que enfraquecem o trabalhador no sociometabolismo do capital.

Posto isso, o texto iniciará com uma descrição da concepção de homem em Marx, juntamente com algumas reflexões de Mészáros. Num segundo momento, será feita a apresentação do livro “Burocracia e ideologia”, seguida de uma análise crítica, que visa à comparação de Tragtenberg e Marx no que tange ao homem. Por fim, haverá algumas considerações sobre o problema posto e o objetivo de estudo.

## 1 CONCEPÇÃO DE HOMEM EM MARX

### 1.1 VIDA E CONTEXTO

Karl Marx nasceu em Trier em 1818, na Alemanha. Iniciou seus estudos em Bonn e os concluiu em Berlim, formando-se em 1841, com uma tese denominada “A diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro”. Em 1843, vivia em Paris, onde

conheceu as ideias de Proudhon e Blanc, também conheceu Engels, que se tornou seu amigo e beneficiário. Paris foi uma cidade inspiradora para Marx, pois lá ele escreveu os “Manuscritos econômicos filosóficos”, obra que trata da alienação do homem pelo trabalho. Em 1845, publicou com Engels a obra *“Sagrada Família”*, em contraposição às ideias de Bruno Bauer e aos hegelianos de esquerda. Com Engels, Marx escreve *“A ideologia alemã”*, ainda contra os hegelianos. *“As teses contra Feuerbach”* também são escritas em 1845. O *“Manifesto do partido comunista”* remonta a janeiro de 1848.

Em Londres, Marx se estabeleceu para pesquisar sobre a economia, graças ao apoio financeiro de Engels, resultando no primeiro volume da obra *“O capital”*. Os outros dois volumes serão publicados posteriormente pelo movimento operário, entre 1885 e 1894.

Marx morreu no dia 14 de março de 1883, sendo sepultado no cemitério de Highgate, em Londres. Ele viveu no conturbado século XIX, quando os desdobramentos das Revoluções Industrial e Francesa estavam em processo de consolidação. No campo das ideias, temos a grande influência do positivismo de Augusto Comte e o nascimento da reflexão sociológica. O pensamento de Marx estruturou-se com a filosofia de Hegel, com as ideias de Adam Smith e David Ricardo e as obras dos socialistas utópicos.

Marx retomou a dialética da história hegeliana invertendo-a, mas criticava Hegel, pois a concepção de Estado hegeliano faz da sociedade um ser submisso à vontade do Estado. Os economistas clássicos são criticados, pois postularam que a propriedade é uma lei eterna; Marx, em suas reflexões, concluiu que a propriedade privada é uma construção histórica. Os socialistas, que ele chamava de utópicos, denunciaram a situação de miséria do proletariado, mas não encontraram saída para a emancipação dessa classe.

Marx, ao refletir sobre sua época, questionou: como foi possível a Revolução Industrial? Como foi que o homem se tornou alienado? Como se estruturou o sistema capitalista? Motivado por essas questões, ele elaborou uma análise histórica sustentada pela concepção do materialismo dialético, teoria segundo a qual a estrutura econômica (o modo de organização da reprodução material da vida) de uma época determina a superestrutura ideológica, ou seja, o conjunto das ideias religiosas, morais, políticas, jurídicas, estéticas dessa época. Assim, as mudanças nos modos de sociabilidades são desdobramentos das contradições existentes entre o modo de produção e as relações sociais de determinada época, desse modo o sistema capitalista nasceu por causa da negação da sociedade feudal, em outras palavras, a burguesia é resultado de uma revolução.

Enfim, Marx acreditava que, assim como foi possível superar as relações sociais feudais e a burguesia alcançar o poder, o proletariado podia estabelecer-se contra a burguesia, instituindo uma revolução, que visaria à superação da sociedade de classes, constituindo uma sociabilidade igualitária. E por que Marx considerava necessária a

instituição de uma sociedade sem classes? A resposta a essa indagação pode ser encontrada na concepção que ele tem sobre o que é a espécie humana. Essa concepção de Homem está explicitada no próximo item, a partir do texto “Manuscritos econômicos filosóficos”.

## 1.2 CONCEPÇÃO DE HOMEM

Nossa abordagem diante dos “Manuscritos econômicos filosóficos” se dará em torno do Caderno II, que trata do trabalho estranhado e da propriedade privada. No texto, Marx inicia distinguindo alguns aspectos da economia nacional que a fortalecem, tais como: a propriedade privada, a separação do trabalho, capital e terra, igualdade nos salários, lucro de capital e renda de terra, divisão do trabalho, concorrência e valor de troca. A partir disso, o trabalhador (homem) se torna uma mercadoria, mais do que isso, a mais miserável mercadoria, que trabalha para gerar lucro em poucas mãos. A economia nacional busca intencionalmente a ganância e a guerra entre os gananciosos (concorrência).

Mészáros, em sua obra “A teoria da alienação em Marx”, deixa claro no capítulo segundo que a alienação surge em Marx devido a seu estudo sobre Epicuro, que vê na contradição a dinâmica da natureza à existência humana alienada. Marx percebeu justamente isto em seu tempo: o homem, de tanto trabalhar, estava alienando sua humanidade.

Mészáros ressalta também que o Estado Moderno contribuiu para deixar o homem alienado, sendo um Estado centrado em si mesmo. Mas como se dá esse processo de alienação? Nos manuscritos, Marx estrutura uma resposta a esta questão da seguinte maneira: a espécie humana, por meio do trabalho, desenvolve-se, ou seja, humaniza-se, pois, sem o trabalho, essa atividade, que envolve a ideação prévia e a ação para a transformação do meio a fim de atender às necessidades humanas, não é possível ser espécie distinta das demais espécies da natureza.

No entanto, com a Revolução Industrial e o auge do sistema capitalista burguês, mas não somente nessa época (histórica), o homem não encontra no trabalho condições para realizar sua existência, mas apenas sua sobrevivência. Com razão, Marx diz:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menschenwelt) (MARX, 2004, p. 80).

Marx postula que o produto (objeto trabalhado) é estranho ao trabalhador, ou seja, não pertence a ele, mas ao burguês que injeta o capital. O produto do trabalho

se fixou num objeto, fez-se coisa e foi apropriada por outrem. A objetivação alienada gera a servidão, deixando o trabalhador escravo do objeto. Esta relação estranha do trabalhador com o objeto resulta nestas consequências:

Quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando, tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, e tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio (MARX, 2004, p. 81).

No entanto, Marx percebe que o estranhamento tem dois aspectos, no resultado do produzir (produto) e no ato da produção. Ele questiona: “como poderia o trabalhador defrontar-se alheio (*fremd*) ao produto da sua atividade se no ato mesmo da produção ele não se estranhasse a si mesmo?” (MARX, 2004, p. 82). Nesse sentido, o produto é apenas o resumo do estranhamento, pois a atividade produtiva já é em si o estranhamento. O estranhamento é a exteriorização do trabalho. Porém em que consiste esta exteriorização?

Primeiro, o trabalho é externo ao trabalhador, ou seja, não pertence ao seu ser, “ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mais infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito” (MARX, 2004, p. 82).

Em segundo lugar, seu trabalho não é voluntário, mas forçado e obrigado. O trabalho não é satisfação, é meio para a sobrevivência. Ao realizar seu ofício, o trabalhador se autossacrifica e se mortifica, não o assume livremente, mas como uma carga, um peso.

E, em terceiro, o trabalhador sente que seu trabalho não pertence a si próprio, mas a outro ser, que lhe é totalmente hostil, sua autoatividade gera perda de si mesmo. Com isso, cada vez mais o trabalhador vive em função do objeto, quanto maior o objeto, menor ele é. Desse modo, o trabalhador doa a sua vida ao objeto, esta doação fortalece a exteriorização, ou seja, ao dar vida ao objeto, esse se torna independente e adquire uma existência, uma vida estranha ao trabalhador, tornando-se uma potência diante do homem.

Outro aspecto de alienação está vinculado à natureza, Marx postula o seguinte raciocínio:

A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é o corpo humano. O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 2004, p. 84).

E continua:

Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o gênero [humano]. Faz-lhe da vida genérica apenas meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada. Pois primeiramente o trabalho, a atividade vital, a vida produtiva mesma aparece ao homem apenas como meio para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. A vida produtiva é, porém, a vida genérica. É a vida engendradora de vida. No modo (*Art*) da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma espécie, seu caráter genérico rico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem. A vida mesma aparece só como meio de vida (MARX, 2004, p. 84).

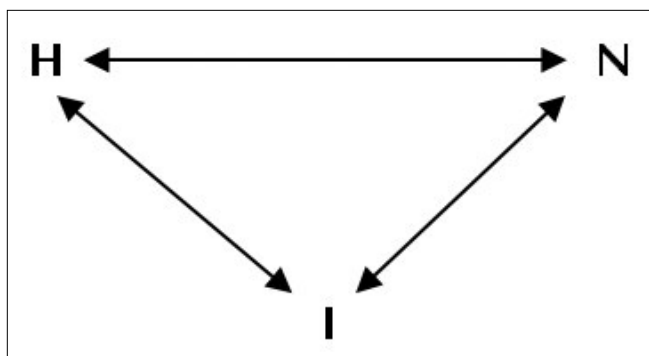
Essas citações elucidam que a prioridade pela vida produtiva (trabalho) aliena o ser humano em sua vida física e, dessa maneira, a sua natureza se desenvolve apenas enquanto animal, não favorecendo a estruturação da sua humanidade.

Mais uma característica da alienação é quanto aos outros homens, pois o outro é visto como concorrente e inimigo. Se a exteriorização se apresenta como algo hostil e estranho, este ser que a possui não é fantasia e ilusão, mas outro homem. Marx indica:

Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, um poder estranho que está diante dele, então isto só é possível pelo fato de o produto do trabalho pertencer a outro homem fora o trabalhador. Se sua atividade lhe é martírio, então ela tem de ser fruição para outro e alegria de viver para outro. Não os deuses, não a natureza, apenas o homem mesmo pode ser este poder estranho sobre o homem (MARX, 2004, p. 86).

Para ilustrar este processo de alienação, Mézáros postulou as seguintes representações:

FIGURA 1 – Quadro conceitual da teoria da alienação em Marx



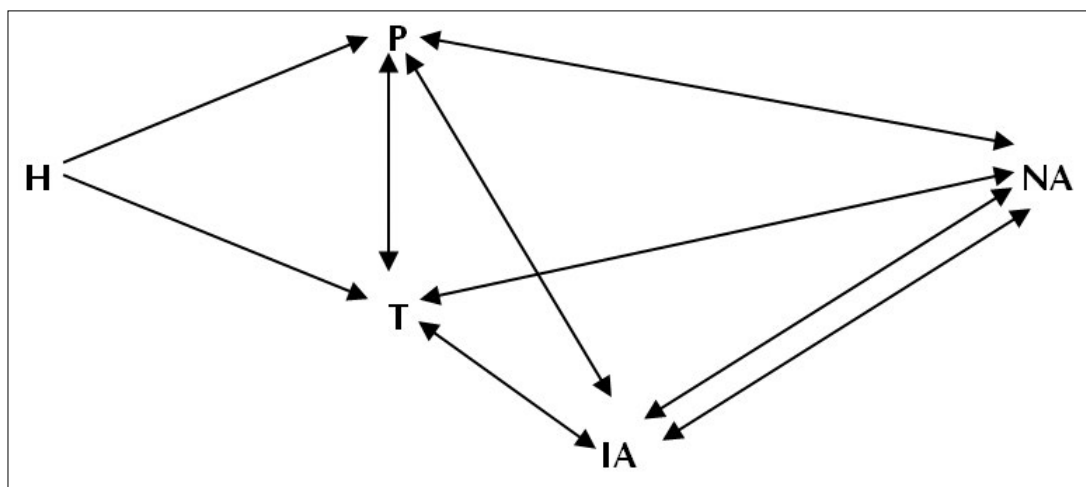
FONTE: Mézáros (2009)

No esquema: H = homem, N = natureza, I = atividade produtiva ou indústria.

Mészáros quis representar no esquema a essência natural do homem, a reciprocidade dialética do homem com a natureza e indústria, da natureza com o homem e a indústria e da indústria com a natureza e com o homem.

Num segundo esquema, Mészáros demonstra como o processo de alienação separa o primeiro esquema.

FIGURA 2 – Quadro conceitual da teoria da alienação em Marx



FONTE: Mészáros (2009)

H = homem, P = propriedade privada, T = trabalho e trabalhador, NA = natureza alienada, IA = indústria alienada.

Mészáros indica, assim, algumas inter-relações:

- 1) H é dividido em P e T
- 2) P e T se opõem antagonicamente.
- 3) A reciprocidade original H-I-N é transformada na inter-relação alienada de:
  - a) P – IA – NA
  - b) T – IA – NA

Além disso, tudo está subordinado ao antagonismo básico entre P e T, e surgem as seguintes inter-relações alienadas:

- 4) P – T – IA
- 5) P – T – NA

Mészáros conclui, afirmando que, no trabalho, “há uma separação em cada elo dessas relações alienadas, mas também que o trabalho pode ser considerado como um simples fato material, em lugar de ser visto como agente humano de produção” (MÉSZAROS, 2006, p. 104).

Em suma, ao realizar o trabalho sob o modo de produção capitalista, o homem aliena-se quanto ao produto do trabalho, pois perde-o, o produto do seu trabalho lhe é estranho e hostil, aliena-se no ato da produção; é atividade vital para sua existência e esta não pertence ao seu ser próprio. Em relação ao seu ser genérico, também se aliena, pois o homem alienado do produto e da atividade produtiva não se vê mais como ser humano, mas como animal; o trabalho aliena seu corpo, sua natureza (essência), toda sua vida humana, não propiciando um desenvolvimento integral. Finalmente, o homem é alienado em relação aos outros homens com os quais não mais convive, pois trava uma constante luta. Ao contrário disso, para Marx, o homem deveria se realizar plenamente, uma vez que carrega em si todas as possibilidades para tal realização, transformando-se e, a história, sendo a própria história.

Ademais, como mencionamos, ao modo como está organizado o processo de produção material da vida corresponde, num processo de reciprocidade, uma série de relações sociais. Um campo específico dessas relações sociais pode ser compreendido como tendo a responsabilidade direta por criar formas de gerir e otimizar esse processo de alienação, qual seja: as ciências administrativas. A produção do conhecimento na Administração não está apartada das necessidades de produção de valor, pelo contrário. Contudo, como destacará o pensamento de Marx, muito bem traduzido por Tragtenberg, a mesma realidade que gesta a afirmação gesta também sua negação. Isto é, o espaço que gera conhecimento para satisfazer as necessidades do capital está imbricado pelas contradições desse modo de produção, abrindo possibilidades, ainda que com resistências, à negação de tal forma de organização social. Aqueles que problematizam a servidão dos intelectuais da Administração aos interesses do capital são denominados estudiosos críticos.

No Brasil, há alguns estudiosos que se dedicam à crítica, dos quais destacamos Tragtenberg, pois ele foi mais à raiz do problema, como veremos a seguir.

## 2 ANALISANDO TRAGTENBERG

### 2.1 VIDA E CONTEXTO

Mauricio Tragtenberg nasceu em Getúlio Vargas, no ano de 1929. Desde sua infância, foi considerado um autodidata, lendo principalmente autores russos, como Kropotkin, Bakunin, Leon Tolstói e, seu preferido, Leon Trotsky. É considerado um socialista libertário por meio de sua crítica à sociedade capitalista e às concepções autoritárias sobre o socialismo. Também dirigiu estudos sobre a educação (**Teoria da pedagogia libertária**), quando negava o poder estabelecido na educação e o aluno como mero receptáculo de conteúdo. Além disso, para ele, a educação era hierárquica

e burocrática, na qual o professor era um símbolo de dominação; a educação tradicional seria, então, uma forma capitalista do conhecimento. Ele propôs, portanto, a pedagogia libertária, a qual visa à autogestão da educação, autonomia ao indivíduo e solidariedade entre todas as pessoas que compõem a escola.

Tragtenberg escreveu “Planificação: desafio do século XX”, publicado em 1967, resultado de sua monografia apresentada na Universidade de São Paulo (USP). Outra importante obra é “Burocracia e ideologia”, resultado de sua tese de doutoramento defendida também na USP – obra base desta pesquisa e sobre a qual mais adiante explanaremos algumas considerações. Escreveu também “Reflexões sobre o socialismo” (1986) e “A revolução russa” (1988). Publicou “Marx/Bakunin” em 1983, uma coletânea sobre a relação do marxismo com as ideias anarquistas. Ele possui diversos artigos publicados em revistas científicas nas mais diferentes áreas do conhecimento.

Na bagagem conceitual de Tragtenberg, há uma característica muito interessante: sua produção intelectual não se volta apenas para academia, mas é comprometida e engajada, assumindo uma posição política, talvez por isso muitas pessoas (como Antonio Ozai, Francis Meneghetti, Elcemir Paço-Cunha, Ana Paula Paes de Paula) continuam debruçadas sobre sua obra. Mauricio Tragtenberg morreu em 1998, com 69 anos.

Na obra “Burocracia e ideologia”, Tragtenberg retrata o desenvolvimento da Administração ao longo da história da humanidade. Para nossa pesquisa, esse percurso histórico foi importante, pois demonstrou como o homem foi moldado por tantas teorias administrativas. Nesse sentido, a obra é a base para o nosso problema de pesquisa. No entanto, ao longo desse percurso histórico, o homem também foi alienado de diversas maneiras. Tragtenberg, em toda sua vida, procurou engajar e se comprometer politicamente visando a uma sociedade mais justa e igualitária. Mas por que ele queria o fim da exploração, principalmente no trabalho? O que discutimos sobre Marx nos dá uma ideia para tal questão: o homem, como ser alienado, não constrói uma vida plena, mas se torna escravo do trabalho, vivendo apenas para encher os bolsos dos mais aburguesados. Para a realização plena e o desenvolvimento integral do humano, é preciso acabar com todo o sistema opressor capitalista, para nascer uma nova sociedade na qual todos terão as mesmas possibilidades de vida. Dessa maneira, como aparece a concepção de Homem na obra de Tragtenberg?

## 2.2 BUROCRACIA E IDEOLOGIA

Tragtenberg ressalta, no primeiro capítulo da obra, que a administração, enquanto organização formal burocrática, potencializa-se no âmbito do Estado. No entanto, participar da administração do Estado é ir ao encontro da burocracia, essa como poder funcional e político.

Tragtenberg emprega o conceito de Hegel para Estado: organização acabada considerada “em si e por si” que se realiza “pela união íntima do universal e do individual”.

Para Hegel (1940), o Estado como *realidade moral, como síntese do substancial e do particular* (p.196), contém o *interesse universal enquanto tal, que é sua substância* (p.200), deduzindo-se, então, ser o Estado a *instância suprema que elimina todas as particularidades no seio de sua unidade* (p.218) (TRAGTENBERG, 2006, p. 26).

Ainda neste capítulo é retratada a burocracia como corporação do Estado e da sociedade, ao mesmo tempo que é a mediação entre essas duas instâncias. Outro dado de Hegel é que o Estado é concebido por ele como um organismo, uma totalidade de interesses gerais nos quais residem os interesses particulares, sendo essa universalidade do Estado uma idealização representada na burocracia.

Num segundo momento, Tragtenberg descreve o percurso histórico do modo de produção asiático, base para o capitalismo e a burocracia. O modo de produção asiático já praticava um capitalismo. Mesmo não contando com toda a tecnologia atual, seu nível de organização é impressionante. No entanto, firmava-se a exploração do camponês. Apesar de a maioria do trabalho ser artesanal, havia hierarquia, ideia de corporação, maximização dos excedentes e eficiência no trabalho. Enfim, o modo de produção asiático antigo serviu de base para o capitalismo atual, que viria a desenvolver-se.

No segundo capítulo, Tragtenberg destaca o evento da Revolução Industrial, que mudou drasticamente o modo do trabalho, passando do arado com bois às máquinas a vapor, devido à evolução da física e da química encabeçada pela Inglaterra, um dos primeiros países a implantar o sistema industrial, graças à revolução que se inaugurou na ilha londrina em meados do século XI.

Na França, contudo, após Napoleão, a Revolução Industrial se inicia na agricultura devido à mão de obra escassa no campo. Na Alemanha, o processo de industrialização se deu de forma gradual, por causa da resistência de pequenas oficinas artesãs e da agricultura que ainda prevalecia. Somente com a invasão francesa é que a Alemanha teve a possibilidade de se industrializar, outro fator que possibilitou isso foi a expansão do sistema ferroviário.

A Revolução Industrial não mudou somente os meios de produção e o trabalho, houve, sobretudo, uma mudança antropológico-ontológica, em outras palavras, o homem, que antes detinha todo o processo de produção, inclusive os meios de produção, agora não os detém mais, eles estão nas mãos daqueles que possuem o capital e a propriedade privada. Desse modo, o homem, enquanto força de trabalho, se vê preso a seguir horários, regras, não faz mais todo o produto, apenas uma parte dele, não detém os meios de produção e agora é escravo de um sistema industrial que o explora e o

oprima. Nesse sentido, tornou-se um instrumento, objeto que enriquece o capitalista, e, nesse enriquecimento, ele (o trabalhador) deixa de ser ele mesmo.

Ainda no capítulo segundo, são descritas as teorias administrativas de Saint-Simon a Elton Mayo. Todas essas teorias pensam o homem como um ser submisso à vontade do administrador, nenhuma delas retrata o trabalhador (ser humano) em sua essência, conforme discutido no segundo item deste texto, em que apresentamos o processo de estranhamento em Marx. Tragtenberg demonstra que todas as propostas dessas teorias se preocupam em aumentar os lucros e melhor adaptar o homem ao trabalho, não para dar-lhe mais dignidade, mas para ele produzir com mais eficiência, ou seja, trata-se de considerar que a essência humana é o homem estranhado, e não o homem consciente e livre.

O capítulo terceiro é uma descrição da crise na Alemanha, que sofreu mudanças drásticas, no campo industrial e na área da política econômica. Com isso, houve também mudanças no modo de ser dos alemães; de um ser rural passou a um ser industrial.

O capítulo quarto é dedicado a uma grande análise sobre Max Weber, esse que se dedicou a entender “o quintal alemão” devastado pela crise. Weber foi um pioneiro em pesquisa em diversas áreas (sociológica, política, econômica, científica e religiosa). Preocupou-se também com o ritmo de trabalho nas fábricas, inserindo disciplina e ordem. Para Weber, a ciência ensina o homem a utilizar os meios e a escolha desses para chegar a fins, por meio da razão.

No último capítulo, Tragtenberg trata de uma revisão sobre os capítulos anteriores, demonstrando que a burocracia é algo que se estabeleceu desde a antiguidade e atualmente é resultado de uma compilação de várias teorias administrativas, mas reafirma que a exploração permaneceu ditando a vida dos homens.

## 2.3 ANÁLISE CRÍTICA

Diante do nascer de um novo mundo, Marx observou que a maneira de trabalhar estava mudando drasticamente, ou seja, o trabalho artesanal desaparecia e dava lugar ao trabalho mecanizado e instrumentalizado, sob a legitimidade do Iluminismo<sup>4</sup>. Marx percebeu que essa mudança trazia consigo uma consequência destruidora: ao

---

<sup>4</sup> Movimento cultural inconformista, inovador e revolucionário, propagado com enorme entusiasmo, de modo particular na Europa Ocidental, durante o século XVIII, com as seguintes características: autonomia da razão, instituída como instrumento capaz de libertar o ser humano da ignorância, do obscurantismo e da superstição; aversão profunda ao princípio de autoridade tradicional, por esta se apoiar, muitas vezes, em pretensas tradições históricas não comprovadas; tendência a considerar, como norma última da conduta humana, as paixões em toda a sua pureza original; crença na possibilidade de uma ciência universal, que se tornava imperioso estabelecer com o máximo rigor (ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE FILOSOFIA, p. 1302).

instrumentalizar o trabalho, ela instrumentalizava também o ser humano. Nesse sentido, Marx estruturou uma enorme análise sobre o trabalho e os problemas que esse acarretava.

Após a morte de Marx, inicia-se uma grande discussão em torno de suas ideias. Como interpretar todo o pensamento de Marx? Muitas são as correntes que postularam uma interpretação e até uma prática, todavia muitos também foram os equívocos. A principal riqueza e ao mesmo tempo dificuldade é a vastidão de interpretações em torno de Marx, pois não há um consenso entre as diversas correntes marxistas.

Desse modo, realizar uma comparação entre Marx e Tragtenberg é uma tarefa difícil, pois cada releitura de Marx gera uma interpretação, pois os contextos são diferentes e os problemas, cada vez mais complexos. Tragtenberg escreveu “Burocracia e ideologia” devido à confusão que havia no meio marxista e administrativo. Muitos marxistas, influenciados pelo socialismo russo, tornaram-se esquerdistas “intelectuais/elitistas”, não havendo uma inter-relação com as classes subalternas (na linguagem marxista, proletariado). Tragtenberg não concordava com tal posição e aderiu a um marxismo mais heterodoxo, compactado com ideais anarquistas.

Dessa maneira, o que há de comum entre Marx e Tragtenberg? Qual a relação ontológica marxiana com a tragtenbergiana? Nossa pesquisa conseguiu levantar algumas considerações: “Essa infraestrutura tecnológica acompanha a emergência do sistema fabril, que consiste na reunião de um grande número de trabalhadores numa só fábrica, disciplinando o operário” (TRAGTENBERG, 2006, p. 75). E continua:

As condições de habitação igualavam-se nos seus aspectos negativos às condições de trabalho, em que o parcelamento das operações produzia a fadiga, tédio e surmenage. Os novos centros industriais abrigavam trabalhadores em choças preparadas precipitadamente (TRAGTENBERG, 2006, p. 75).

Tragtenberg, ao descrever as consequências da Revolução Industrial, não quis apenas demonstrar um dado histórico, mas ressaltar a condição em que o ser humano se encontra. Nesse sentido, há um ponto em comum com Marx: é nítida a condição de ser alienado, em outras palavras, não há respeito pela dignidade do ser humano, mas interesse em maximizar os lucros, base para o acúmulo de capital, como percebido por Marx. Assim, há uma unidade de pensamento de Tragtenberg e Marx, pois ambos concebem o homem como ser alienado pelo trabalho. Tanto é consistente esta relação que Tragtenberg cita Marx em sua obra:

O marxismo aparece como filosofia da ação, em que a vontade humana tem um papel criativo, superando as determinações ambientais, para conseguir a constituição do proletariado como classe, derrubada da supremacia da burguesia e conquista do poder (Marx, s.d., p. 327). (TRAGTENBERG, 2006, p. 83).

E ainda:

Para Karl Marx, a condição essencial de existência da burguesia é a formação e crescimento do capital, condição básica para a luta de classes, que caracteriza o processo da História, no qual a burguesia desempenhou um papel revolucionário (TRAGTENBERG, 2006, p. 83).

Em outro trecho, Tragtenberg enfoca o processo de alienação:

Karl Marx elaborou em suas grandes linhas uma filosofia do conflito social, estruturando uma visão da sociedade global cujas premissas são os homens, no seu processo de vida em sociedade. Nela, o trabalho aparece como grande fator de mediação que enriquece o mundo de objetos, tornado poderoso, ao lado do empobrecimento em sua vida interior do trabalhador, onde este não é dono de si próprio. O fruto do trabalho aparece como um ser estranho com um poder independente do produtor em que as relações mútuas dos produtores tomam a forma de uma relação social entre coisas (TRAGTENBERG, 2006, p. 84).

Todas estas referências a Marx demonstram o quanto Tragtenberg se sustenta no autor para elaborar sua produção intelectual, inserindo estas ideias no conturbado século XX.

Tragtenberg analisa as teorias microindustriais de Taylor<sup>5</sup>, Fayol<sup>6</sup> e Mayo<sup>7</sup>. Nesta análise, residem algumas considerações, que se assemelham a Marx. As teorias de caráter globalizador, Simon, Fourier e Marx, cedem lugar às teorias microindustriais de alcance médio e visam à separação entre as funções de direção (planejamento) e de execução. Nesse sentido, o pensamento de Taylor é o primeiro que postula um novo modo de pensar o trabalho, tanto que Tragtenberg indica:

O método Taylor é oriundo da aplicação de um esquema empírico como método onde o conhecimento surge da evidência sensível e não da abstração. O objeto do conhecimento é concretizado. O método baseia-se em dados singulares observáveis, isso limitando a possibilidade de generalização. Na essência, presidindo tudo, está uma atitude descritiva na qual o importante é o como e não o porquê da ação (TRAGTENBERG, 2006, p. 88).

O método taylorista é base para uma nova divisão de trabalho, ou seja, aqueles que planejam e aqueles que executam. Para Taylor, “os que executam devem ajustar-se aos cargos descritos e às normas de desempenho”. Em outras palavras, esta divisão de trabalho reforçou, cientificando a gestão, a alienação, pois cada vez mais os operários competem entre si como guerreiros num campo de batalha, característica que Marx já tinha elucidado.

---

<sup>5</sup> Frederick Winslow Taylor (1856-1915).

<sup>6</sup> Jules Henri Fayol (1841-1925).

<sup>7</sup> Georges Elton Mayo (1880-1949).

Fayol afirma que “o operário tem que ficar restrito à sua função” e obedecer à administração, pois esta possui poder divino. Para Fayol, administrar é prever, organizar, comandar e controlar, para isso acontecer, a disciplina desenvolve um papel fundamental copiada dos modelos militares. Nessa visão de Fayol, há a substituição do operário produtivo para o operário de controle.

Elton Mayo fundou a Escola de Relações Humanas, sua ideia não é favorecer o operário, mas examinar as relações homem *versus* grupo, no âmbito da empresa. Todavia, o participacionismo que propõe é meramente superficial e a velha forma de capitães da indústria e operários continua. Esta visão privilegia a informação e a transmissão num âmbito maior e mais agradável, mas não o faz de forma correta, procura apenas estimular o operário a se adaptar ao meio, para render mais lucro e ser mais eficiente no seu trabalho. Esta psicologização não está interessada no operário (ser humano), mas na harmonia na empresa, para que todos se sintam bem e produzam mais; no fundo, o que vale mesmo é o lucro.

Em suma, na visão desses três autores que Tragtenberg destaca em “Burocracia e ideologia”, é nítido que este conhecimento administrativo explora e visa apenas a interesses particulares, dessa maneira, é um conhecimento ideológico. Há, portanto, um interesse maior em aumentar os lucros em vez de dar condições favoráveis e salários justos para os trabalhadores.

No entanto, a obra “Burocracia e ideologia” é composta por um longo capítulo no qual Tragtenberg faz uma reflexão sobre Max Weber<sup>8</sup>. O que faz um marxista descrever mais Weber do que Marx? Só o fato de ter refletido sobre Weber, em sua obra, leva a crer que a posição de Tragtenberg não é tradicional frente ao marxismo:

A obra de Weber representa o reflexo e protesto contra as condições retardatárias de uma Alemanha onde o liberalismo nunca se realizara na sua plenitude, ou melhor, a hegemonia da burguesia como força material na sociedade germânica não se dera de forma definida e sim mediante o compromisso com a aristocracia e setores da classe média enquadrados na burocracia (TRAGTENBERG, 2006, p. 188).

E mais: “teve a lucidez e coragem, apesar dos riscos dessa atitude, de denunciar as inconsistências do bismarckismo, mostrando alternativas a serem seguidas. Weber combate na frente teórica” (TRAGTENBERG, 2006, p. 189).

Enfim, Weber contribuiu muito para restaurar o pensamento alemão, apesar de rejeitado no início, estruturou-se em âmbito mundial. Para nossa pesquisa, esta análise de Tragtenberg sobre Weber demonstrou um dado antropológico interessante, pois retrata a pessoa como um ser parcial, ocultando sua totalidade, substituída por aptidões

---

<sup>8</sup> Karl Emil Maximilian Weber (1864-1920).

e capacidades valorizadas pelo sistema, gerando uma coexistência da onipotência do Estado e impotência do indivíduo.

Contudo, ao se aproximar de Weber, Tragtenberg não se afasta totalmente de Marx, pois critica a posição weberiana:

Weber defende o idealismo das opções do político em relação a valores, mas é impossível dirigir a realidade somente com ideias: uma teoria se torna força material quando é apreendida pelas massas e Weber estava afastado delas (TRAGTENBERG, 2006, p. 189).

Portanto, a posição de Tragtenberg não é aquela que idolatra o pensamento de Marx, mas a que dialoga com os problemas de seu tempo, tendo como base as ideias de Marx, preservando aquilo que é essencial e reinterpretando ideias que necessitam ser ressignificadas num novo contexto; no caso de Tragtenberg, o caótico século XX.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano não pode ser reduzido simplesmente a mera ferramenta de trabalho, pois a sua essência humana é muito mais do que isso. Nesse ponto, tanto Marx quanto Tragtenberg concordam. Para Marx, o trabalho é a mediação entre o homem e os objetos (produto), no entanto, ao realizar seu trabalho, o homem torna o objeto rico e poderoso e ele próprio, pobre e vazio de existência.

O trabalhador (homem) não é dono de si próprio, o fruto de seu trabalho não é seu, o produto que ele produz é um ser estranho com um poder independente do produtor (homem). O homem vive uma relação consigo mesmo e com a natureza como um ser alienado, coisificado. Marx propõe que o homem resgate o controle de sua própria vida, liberte-se das masmorras das fábricas e encaminhe-se para ser sujeito de um mundo novo.

Em suma, as ideias de Marx e Tragtenberg aqui discutidas, grosso modo, superficialmente, apontam que o trabalho é fundamental para a vida do ser humano. Porém, no decorrer da história, o homem foi massacrado e feito escravo do trabalho. O trabalho deve favorecer o desenvolvimento do homem como um ser integral. Se isso de fato ocorrer, a felicidade permeará a vida humana.

## REFERÊNCIAS

LOGOS. **Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia**. Lisboa: Verbo, 1989.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. Boitempo, 2004.

MÉSZAROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2009.

REALE, Giovanni. Karl Marx e Friedrich Engels: o materialismo histórico-dialético. In: \_\_\_\_\_. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 2005. v. 5, p. 169-184.

TRAGTENBERG, Mauricio. **Burocracia e ideologia**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Unesp, 2006.